

---

O que é que você está fazendo, George?

A voz do coronel baixou para um murmúrio, ouvimos uma palavra aqui e ali... "os rapazes"... "uma bebidinha".

A voz dura e irritante estourou com indignação:

- Você não vai fazer nada disso, George. Mas que idéia. Como é que você acha que esse negócio pode ir para a frente com você distribuindo bebidas para todo mundo?

Qualquer bebida aqui tem de ser paga. Tenho tino comercial, se você não tem. Meu Deus, você estaria na falência se não fosse eu! Tenho de ficar atrás de você como uma criança. É isso mesmo, como se estivesse atrás de uma criança. Você não tem o menor desconfiômetro. Passe essa garrafa para cá.

Passe logo, ora.

Mais um protesto baixinho, agonizante.

A Sra. Luttrell respondeu de primeira:

- Não me importa se eles acham ou não. A garrafa vai voltar direitinho para o armário, e eu vou trancar o armário de uma vez por todas.

Ouviu-se o barulho da chave sendo virada na fechadura.

- Pronto. Assim é que vai ser.

- Dessa vez a voz do coronel foi ouvida mais claramente:

- Você foi longe demais, Daisy. Agora chega.

- Agora chega, o quê? E quem é você para vir me dizendo uma coisa dessas? Quem é que toma conta dessa casa? Eu! E nunca se esqueça disto.

Houve um pequeno barulho de cortinas e a Sra. Luttrell evidentemente saiu do aposento.

Demorou uns minutos até que o coronel aparecesse. Parecia que naqueles minutos ele tinha envelhecido séculos.

Não havia nenhum de nós que não estivesse morrendo de pena do Coronel Luttrell e que não teria assassinado, de boa vontade, a Sra. Luttrell.

- Mil desculpas, rapazes. – A voz estava dura e pouco natural. – Parece que o uísque acabou.

Ele deve ter percebido que nós ouvimos toda a conversa entre ele e a mulher. Se não percebeu, nosso jeito certamente mostraria de alguma forma que nós tínhamos ouvido. Estávamos todos extremamente constrangidos, e Norte deu a cabeça, dizendo logo que não queria drinque muito perto do jantar, não é? -, e depois

---